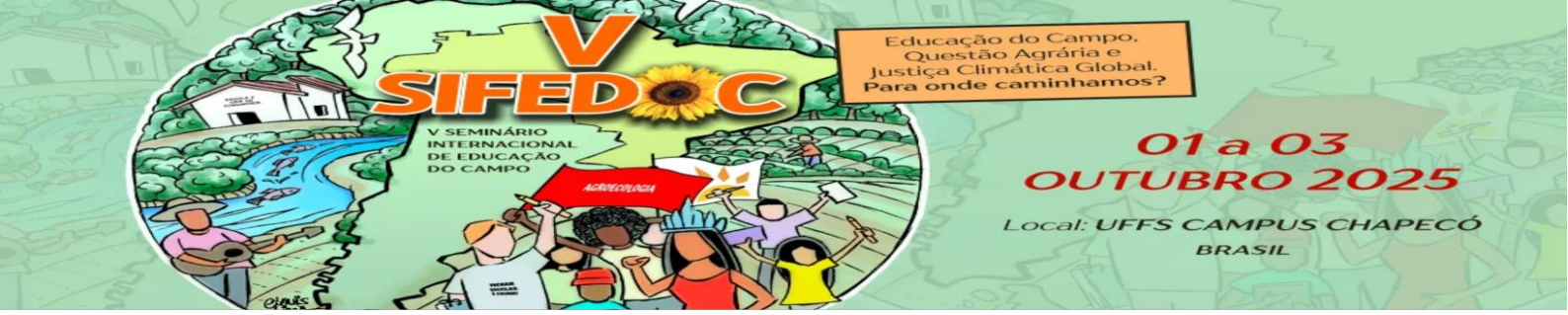


ALFABETIZAÇÃO ECOLÓGICA EM SANTANA DA BOA VISTA/RS: LENDO A DIVERSIDADE CULTURAL LOCAL PARA ESCREVER UM FUTURO CLIMÁTICO MAIS JUSTO

Alyce Ibrayma Nunes Bitencourt[1]

Bruna Arruda Peres, Daiane Aparecida Linhares Gonçalves Baptista, Juliana Régio da Silva, Luciani Barbosa de Oliveira, Maria Selomar Melo Barbosa, Maricélia Aparecida Souza de Oliveira Mota, Marilda Silveira Dutra[2]

Círculo de Saber: Conhecimento, saberes e práticas educativas nos movimentos sociais e comunidades tradicionais

Palavras-chave: Alfabetização; Diversidade Cultural; Futuro Climático.

Introdução

O V Seminário Internacional de Educação do Campo, das Águas e das Florestas nos convoca a refletir sobre a pergunta "Para onde caminhamos?" diante da encruzilhada formada pela Educação do Campo, a Questão Agrária e a Justiça Climática Global. As reflexões aqui apresentadas emergem da nossa atuação no projeto de extensão "Pampa Alfabetizado" da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), iniciativa que visa desenvolver práticas de alfabetização e letramento em diálogo com os saberes e as realidades das comunidades do bioma Pampa, e buscam contribuir com este debate.

No viés dessa vivência, este trabalho argumenta que uma resposta potente a essa questão não reside em fórmulas globais, mas no enraizamento profundo das práticas pedagógicas nos territórios onde a vida pulsa. Propomos, a partir da realidade do município de Santana da Boa Vista/RS, que a alfabetização ecológica –

[1] Curso Normal de Aproveitamento de Estudos-Magistério, Graduação em Licenciatura Plena em Matemática, Graduação em Pedagogia e Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional.
[2] Titulação e/ou afiliação profissional. E-mail: exemplo@exemplo.com.

compreendida como uma prática político-pedagógica de "leitura do mundo" (Freire, 1982; Britto e Giorgi, 2022) – é uma ferramenta estratégica para a construção de comunidades resilientes e protagonistas na luta por justiça climática.

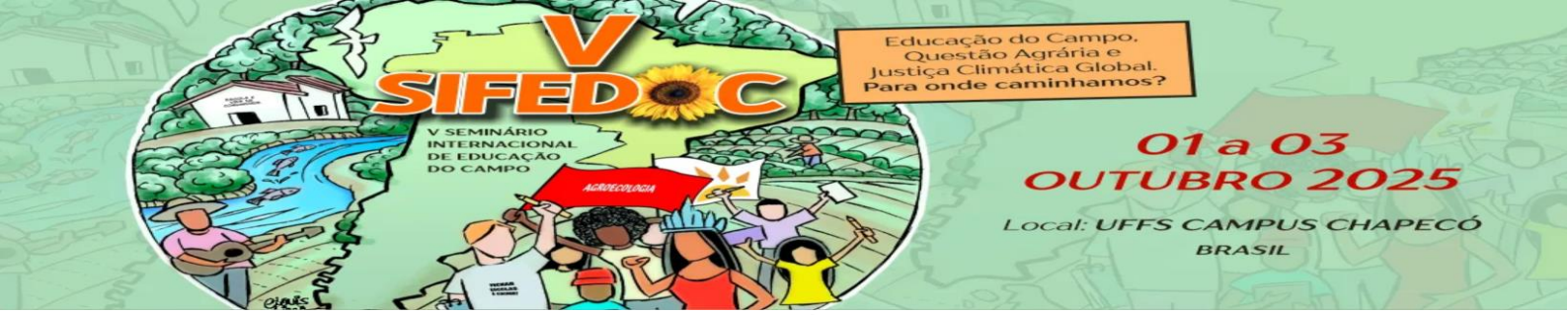
Santana da Boa Vista, conhecida como a "Capital da Cordialidade", carrega em sua identidade as marcas de uma relação intrínseca com seu ambiente. O município está localizado no estado do Rio Grande do Sul (Imagem 1), situando-se a uma latitude de 30º52'19" sul e longitude 53º06'55" oeste, e a uma altitude média de 306 metros acima do nível do mar.

Imagem 1: Localização de Santana da Boa Vista - RS



Fonte: Abreu, 2006.

No que tange seu mito fundador, a história de Jacinto Inácio e sua luta com uma "Tigra" na "Toca da Tigra", não é mero folclore; é um texto primordial que narra a relação de conflito, respeito e sacralização do espaço que deu origem à comunidade. Este "chão" é ainda grafado por uma geografia singular, com os "Peraus" (formações rochosas planas e elevadas) e a região das Guaritas, um patrimônio ecológico. No entanto, o paradigma educacional hegemônico, urbano cêntrico e desterritorializado, frequentemente silencia essas narrativas e paisagens, promovendo um analfabetismo ambiental que torna as comunidades rurais vulneráveis ao avanço do agronegócio e aos impactos da crise climática (Gonçalves, 2006).



Diante disso, nossa tese central é que as escolas rurais de Santana da Boa Vista podem se tornar espaços de resistência e produção de conhecimento ao adotarem a alfabetização ecológica como eixo central. Defendemos que, ao ensinar os estudantes a ler criticamente seu próprio território – sua história, geografia e biodiversidade –, a escola os instrumentaliza não apenas com a escrita formal, mas com a capacidade de sistematizar, valorizar e defender seus saberes e modos de vida, contribuindo diretamente para a construção de um futuro com justiça social e ambiental.

O Território como Material Pedagógico

A Leitura do Mundo e da Palavra na Educação do Campo

A base desta proposta reside no pensamento de Paulo Freire (1982, p.9), para quem a alfabetização autêntica é um ato de conhecimento e de criação, onde a "leitura do mundo precede a leitura da palavra". No contexto da Educação do Campo, isso significa que o processo pedagógico deve partir da realidade concreta dos sujeitos, de sua cultura e de seu trabalho (Caldart, 2012). Ignorar o território dos estudantes é perpetuar uma "educação bancária", que deposita conteúdos desconexos e alienantes.

A este pilar, somamos o conceito de Alfabetização Ecológica (ou Ecoalfabetização), popularizado por Fritjof Capra e outros pensadores, que a definem como a capacidade de compreender os princípios de organização dos ecossistemas e usar esse conhecimento para criar comunidades sustentáveis (Capra, 2006). Para além de uma visão puramente biológica, no Sul Global essa noção adquire uma dimensão decolonial. Trata-se de combater o "epistemicídio" (Santos, 2010), ou seja, a destruição dos saberes locais e tradicionais, que são sistematicamente invalidados pelo conhecimento científico hegemônico. A alfabetização ecológica, nesta perspectiva, é o processo de reaprender a "ler" o território com os olhos da cultura local, ao mesmo tempo em que se apropria criticamente das ferramentas da ciência formal.

A Toca da Tigra: Alfabetizando com a História e a Memória

O mito fundador de Santana da Boa Vista é um "tema gerador" freiriano por excelência. Freire (2011) define temas geradores como representações da realidade vivida pelos educandos, carregadas de contradições e potencial para a problematização. A narrativa da "Toca da Tigra" contém em si temas universais codificados na realidade local: a relação vida/morte, ser humano/natureza, medo/coragem, conflito/reconciliação, barbárie/civilização, sagrado/profano.

Em uma prática de alfabetização, em vez de partir de frases vazias como "o boi baba", pode-se partir do diálogo sobre a história: "Quem era Jacinto?", "O que a Tigra defendia?", "Por que ele construiu uma capela?". As respostas, carregadas de sentido para a comunidade, se tornam as primeiras palavras a serem decodificadas e codificadas. Essa abordagem transforma o ato de aprender a ler e escrever em um ato de ler a si mesmo e à sua história. Pedagogicamente, isso se desdobra em atividades que investigam a fauna local (comparando a presença de grandes felinos no passado e hoje), a toponímia (o porquê dos nomes dos lugares) e a memória oral, validando o saber dos mais velhos como fonte legítima de conhecimento e contrapondo-se à lógica que desqualifica a oralidade.

Lendo a Paisagem: Os Peraus e as Guaritas como Sala de Aula Aberta

Se a história oral é um texto, a geografia local é outro. Os Peraus e as Guaritas não são meros acidentes geográficos; são o suporte físico da vida e da cultura local. Uma educação desterritorializada ensina sobre relevos distantes, mas silencia sobre as formações que a criança vê de sua janela. A proposta de alfabetização ecológica inverte essa lógica.

O currículo passa a ser construído a partir de questões que emergem do território, conforme defende Loureiro (2004) ao discutir a Educação Ambiental Crítica. Os estudantes se tornam pesquisadores de seu próprio espaço. O processo de alfabetização se funde com a investigação científica e cultural, conforme Imagem 2.

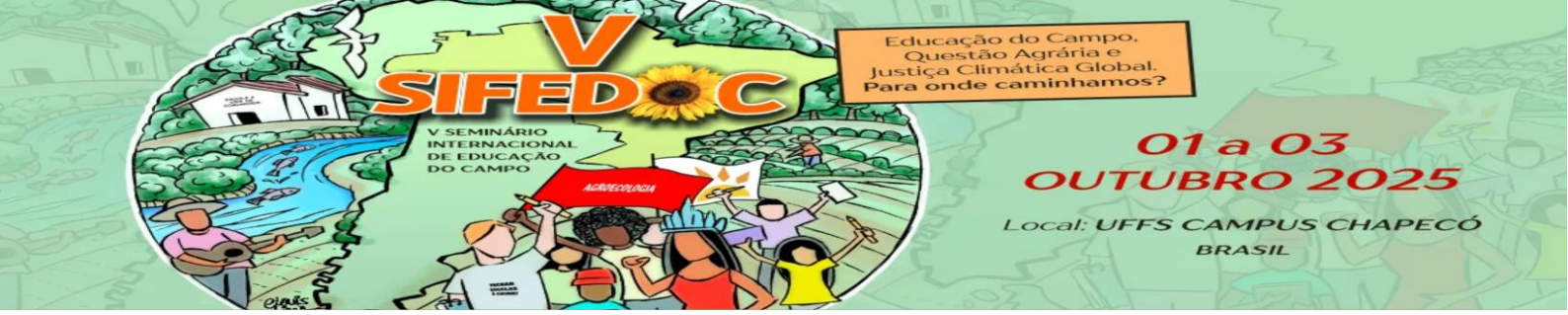


Imagem 2: Processo de alfabetização fundido à investigação científica e Cultural

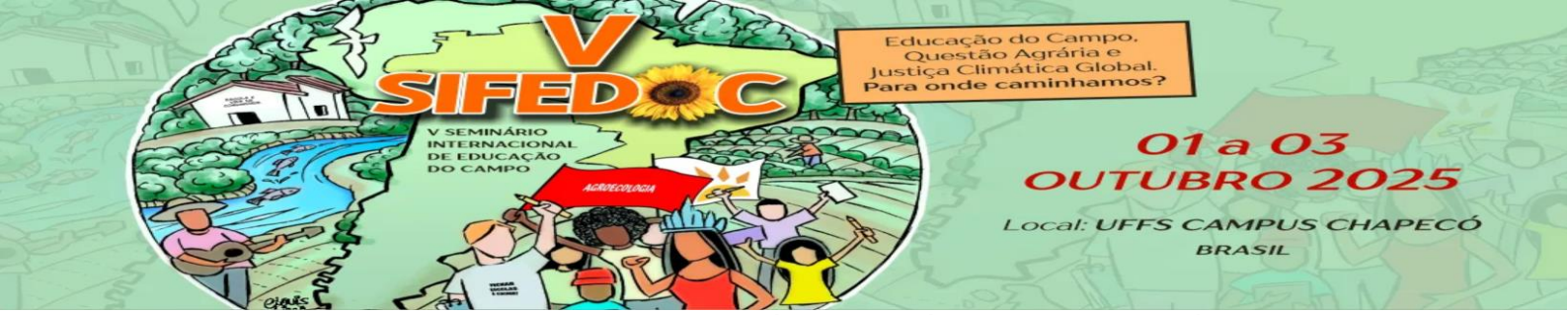
Investigação e Oralidade	Sistematização e Escrita	Consciência Crítica
• Ouvir os mais velhos e a comunidade. • Realizar aulas-passeio para "ler" a paisagem (diversidade ambiental). • Coletar saberes sobre plantas, clima, histórias e "causos".	• Criar dicionários e enciclopédias locais. • Produzir cartilhas da comunidade (água, plantas, histórias). • Desenvolver mapas afetivos e ecológicos do território.	• Questionar o território: Por quê? Para quem? • Conectar os problemas locais às questões globais (clima, agronegócio). • Organizar-se para a ação e defesa do modo de vida e do ambiente.

Fonte: Autora, 2025.

Conclusão

Retomando a indagação central do V SIFEDOC – "Para onde caminhamos?" –, este trabalho sustenta que o caminho para um futuro com justiça climática e social na Educação do Campo passa, necessariamente, pela descolonização do currículo e pela revalorização dos territórios como espaços de produção de saberes. A experiência pensada para Santana da Boa Vista demonstra que a alfabetização, quando imbuída de um propósito ecológico e crítico, transcende a mera aquisição de uma técnica. Ela se torna um ato de afirmação identitária e de defesa territorial.

Ao aprender a "ler" a história da Toca da Tigra e a geografia dos Peraus, os estudantes não apenas se apropriam do código escrito, mas também reforçam seus laços com o lugar onde vivem. O ato de escrever sobre seu próprio chão – de sistematizar o conhecimento dos mais velhos, de nomear sua biodiversidade, de mapear suas águas – é um ato político. É transformar o conhecimento tácito e oral em um instrumento visível e poderoso de defesa contra os processos de expropriação simbólica e material que caracterizam o avanço do capital no campo (Gonçalves, 2006).



Portanto, a alfabetização ecológica não é uma proposta utópica, mas uma prática de resistência concreta e cotidiana. Ela forma sujeitos que não são apenas leitores da palavra, mas também leitores críticos de seu mundo, capazes de compreender as ameaças que pairam sobre seus modos de vida e de se organizar coletivamente para proteger seus territórios. Caminhamos, assim, para uma educação que não prepara apenas para o trabalho, mas para a vida em sua plenitude e para a luta intransigente em defesa dela.

Referências bibliográficas

FREIRE, P. O povo diz a sua palavra a sua alfabetização em São Tomé e Príncipe. In FREIRE, P. **A importância do ato de ler** – em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982.

BRITTO, Luiz Percival Leme; GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini Di. “Leitura do mundo” e educação em Paulo Freire. **Educação & Sociedade**, v. 43, p. e258577, 2022.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Editora Record, 2006.

CALDART, Roseli. **Educação do campo**: notas para uma análise de percurso, Rio de Janeiro, V. 7.p. 35-64, mar/jun. 2009.

CAPRA, Fritjof. **Alfabetização ecológica**. Editora Cultrix, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Descolonizar el saber, reinventar el poder**. Montevideo: Ediciones Trilce, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação ambiental transformadora. **Identidades da educação ambiental brasileira.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 65-84, 2004.